

A HARMONIA VOCÁLICA DE /E/ EM SANTO ANTÔNIO DE JESUS - BAHIA

THE VOCALIC HARMONY OF /E/ IN SANTO ANTÔNIO DE JESUS - BAHIA

AMANDA GALIZA CORREIA¹

Universidade do Estado da Bahia

<https://orcid.org/0000-0001-6045-3050>

amanda_galiza@hotmail.com

ALINE SILVA GOMES²

Universidade do Estado da Bahia

<https://orcid.org/0000-0001-7018-5993>

asgomes@uneb.br

VALTER DE CARVALHO DIAS³

Instituto Federal da Bahia

<https://orcid.org/0000-0001-9484-552X>

vcarvalho@ifba.edu.br

RESUMO: A harmonia vocálica se caracteriza pela elevação das vogais médias /e/ e /o/ em correspondência à influência de uma vogal alta /i/ ou /u/ em sílaba adjacente, como em b/e/bida, f/e/rida e etc. Com base nos princípios da pesquisa Sociolinguística Variacionista proposta por Labov (2008 [1972]), neste estudo tem-se por objetivo principal realizar uma breve análise sobre o fenômeno variável da harmonia vocálica de /e/ em dados da fala popular de Santo Antônio de Jesus, cidade do estado da Bahia, pertencente ao corpus do Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia. No que tange aos procedimentos metodológicos, selecionou-se para este estudo piloto 8 informantes, classificados por sexo, zona de residência (sede/rural) e estada fora da comunidade, totalizando 502 ocorrências. Os dados referentes à harmonia vocálica de /e/ passaram pela análise de caráter exploratória, levando-se em consideração apenas as variáveis extralinguísticas (sociais). Como resultado, avaliou-se que as variáveis consideradas neste estudo não se mostraram relevantes para a aplicação da regra, havendo um equilíbrio entre os fatores observados.

PALAVRAS-CHAVE: Harmonia vocálica; Vogais médias; Fonologia; Português brasileiro.

1 Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia.

2 Doutora em Língua e Cultura. Professora da Universidade do Estado da Bahia.

3 Doutor em Língua e Cultura. Professor do Instituto Federal da Bahia.

ABSTRACT: Vocalic harmony is characterized by the raising of the middle vowels /e/ and /o/ in correspondence to the influence of a high vowel /i/ or /u/ in an adjacent syllable, as in b/e/bida, f/e/rida and etc. Based on the principles of the Variationist Sociolinguistic research proposed by Labov (2008 [1972]), the main goal of this study is to perform a brief analysis on the variable phenomenon of the voiced harmony of /e/ in data from the popular speech of Santo Antônio de Jesus, a city in the state of Bahia, belonging to the corpus of the Project Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia. Regarding the methodological procedures, 8 informants were selected for this pilot study, classified by gender, residence zone (central area/rural zone) and stay outside of the community, totaling 502 occurrences. The data concerning the voiced harmony of /e/ underwent exploratory analysis, taking into account only the extralinguistic (social) variables. As a result, it was evaluated that the variables considered in this study were not relevant for the application of the rule, with a balance between the factors observed.

KEYWORDS: Vocalic harmony; Middle vowels; Phonology; Brazilian portuguese.

INTRODUÇÃO

Com base nos princípios teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1968]), o presente artigo tem por objetivo descrever brevemente o fenômeno variável da harmonia vocálica de /e/ em pauta pretônica na presença da articulação alta de uma vogal seguinte em dados da fala popular de Santo Antônio de Jesus, cidade do estado da Bahia, pertencente ao *corpus* do Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia⁴ sediado no Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia (UFBA), coordenado pelos professores Dante Lucchesi (UFF) e Gredson dos Santos (UFBA). O Projeto Vertentes tem por objetivo principal traçar um perfil sociolinguístico do português popular do estado da Bahia, considerando como parâmetros a relevância do contato entre línguas na sua formação histórica e os processos de difusão linguística a partir dos grandes centros urbanos. O banco de dados foi constituído seguindo os pressupostos metodológicos da Sociolinguística Variacionista. Desse modo, os informantes foram estratificados segundo as variáveis: sexo, idade e escolaridade. O fator estada fora da comunidade também foi observado; no entanto, não foi estratificado.

Destaca-se que diversos trabalhos propuseram descrições a respeito da harmonia vocálica no Português Brasileiro (PB), tais como: Bisol (1981), Schwindt (1995; 2002); Casagrande (2004) e Fernandes (2016), através dos quais se pode indicar alguns fatores

4 Mais informações sobre o Projeto Vertentes, acesse: www.vertentes.ufba.br.

linguísticos e extralinguísticos que pudessem influenciar a aplicação do fenômeno. Schwindt (2002), por exemplo, realizou um estudo da harmonia vocálica no dialeto gaúcho, cujos dados compõem o *corpus* do Projeto Variação Linguística do Sul do País (VARSUL). Em seus resultados, o autor encontrou um crescimento considerável da aplicação da regra no dialeto gaúcho, em comparação ao estudo feito por Bisol (1981).

Além desta introdução, este texto está estruturado com uma breve explanação sobre a Sociolinguística Variacionista, bem como uma descrição sobre os pressupostos teóricos que definem o processo variável da harmonia vocálica; posteriormente, vislumbram-se diferentes trabalhos sobre esse fenômeno no Português Brasileiro (PB); em seguida, descrevem-se os caminhos metodológicos percorridos para a elaboração deste estudo; subsequentemente, analisam-se os achados iniciais da pesquisa; e, por fim, apresentam-se as considerações finais.

A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A Sociolinguística Variacionista é a área ou teoria que busca investigar a língua em seu uso real, ou seja, nos contextos de fala e de interação entre os falantes, levando em consideração tanto fatores linguísticos (estruturais) quanto extralinguísticos (sociais). Por ser uma instituição social, segundo esse campo de estudo, a língua não pode ser observada e analisada separadamente, isto é, como uma estrutura autônoma, homogênea, ou independente do contexto situacional de uso.

Destaca-se, como marco inicial para a Sociolinguística, a conferência promovida por William Bright, em 1964, na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, Estados Unidos, em que diversos pesquisadores na área se reuniram para discutir diferentes temas relacionados à linguagem e à sociedade. A conferência proferida por Bright, intitulada “As dimensões da Sociolinguística”, inaugura o novo campo de estudo, sendo publicada, no mesmo ano, em uma coletânea que divulga os resultados do evento acadêmico.

A partir da década de 1960, com o advento da Sociolinguística, pesquisadores passaram a dar à língua um enfoque heterogêneo e variável, rompendo com a tradição linguística de caráter imanente da língua, mostrando que ela é ordenada e sistemática, ou seja, uma unidade estrutural, que era considerada invariável, discreta e qualitativa, e

passa a ser variável, contínua e quantitativa (LABOV, 1966). Com base nessa apreensão, os estudos voltados para a Sociolinguística passaram a analisar fenômenos em variação observando os condicionamentos sociais e linguísticos, seguindo os pressupostos da área.

Um dos trabalhos pioneiros nessa área é o estudo proposto por Labov (1966) o qual foi desenvolvido na comunidade da ilha de *Martha's Vineyard*, no estado de Massachusetts, Estados Unidos, sobre os ditongos /aw/ e /ay/ e a estratificação social do [r] nas lojas de departamento na cidade de Nova York. Nessa pesquisa, ele propôs uma nova forma de refletir e analisar a língua. Sobre as contribuições de Labov, Bagno aponta que

é inegável que a sociolinguística inaugurada por Labov ajudou a desvendar trilhas importantes, até então vedadas à pesquisa linguística, por obrigarem praticantes a conceber a língua como uma atividade social concreta e não como um objeto abstrato autocontido em seus próprios limites estruturais. Sua pesquisa na ilha de *Martha's Vineyard*, por exemplo, se tornou um clássico da etnografia linguística. (BAGNO, 2017, p 12).

A Sociolinguística Variacionista, também conhecida como Sociolinguística Laboviana e Sociolinguística Quantitativa, tem seus pressupostos teórico-metodológicos estabelecidos com a publicação da obra de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), intitulada *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*.

A Teoria da Variação e Mudança Linguística tem como principal objeto o conjunto língua e sociedade, analisando a variedade das formas em uso. Dessa forma, a variação consiste em um componente relevante para o trabalho na teoria da Sociolinguística, “afinal de contas, para que os sistemas mudem, urge que eles tenham sofrido algum tipo de variação.” (TARALLO, 1994, p. 25).

De acordo com Labov (2008 [1972]), a heterogeneidade é o principal pressuposto para a variação linguística, e essa heterogeneidade é inerente a todas as línguas, não sendo arbitrária, mas ordenada por restrições de ordem linguística (estruturais) e extralinguística (sociais). À vista disso, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) destacam as regras que permeiam a diversidade linguística:

A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que

governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle dessas estruturas heterogêneas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, [1968], p. 125).

Dessa forma, os autores salientam que a variação é inerente ao sistema linguístico; isto significa que existe um sistema influenciado pela variabilidade pertencente à língua, o que possibilita prever os contextos em que o falante poderá escolher entre uma forma ou outra, assim reafirmando o pressuposto de que a variação linguística não é aleatória, mas condicionada por um conjunto de regras.

No âmbito da Sociolinguística, ainda se discute a compreensão da mudança linguística. Um dos objetivos desse modelo teórico-metodológico é pensar não somente na mudança em si, mas também em como as línguas funcionam enquanto se transformam, resultando no impasse entre funcionalidade e homogeneidade linguística; a mudança envolve, necessariamente, uma variação no sistema linguístico. Em contrapartida, a variação não implica necessariamente mudança (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006 [1968]). Sendo assim, os pesquisadores discutem como a língua (que é um sistema organizado) pode mudar sem que as pessoas tenham problemas na comunicação. Isso acontece, visto que a mudança não afeta o caráter sistemático da língua; ela continua estruturada enquanto as mudanças vão ocorrendo.

A teoria sociolinguística dispõe de uma metodologia que proporciona ferramentas para estabelecer variáveis relacionadas ao fenômeno estudado, como definição das variáveis, delimitação da amostra, obtenção dos dados, entre outras. Outro aspecto fundamental para as pesquisas nesse campo é a observação do fenômeno em determinada comunidade de fala. Conforme Moreno Fernandes afirma,

uma comunidade de *fala* é formada por um conjunto de falantes que compartilham efetivamente, ao menos, uma língua, mas também compartilham um conjunto de normas e valores de natureza sociolinguística: compartilham as mesmas atitudes linguísticas, as mesmas regras de uso, um mesmo critério na hora de julgar socialmente os fatos linguísticos, os mesmos padrões sociolinguísticos (MORENO FERNANDES, 1998, p. 19).

Desse modo, é na comunidade de fala que podemos observar as formas que um fenômeno variável pode se comportar. Labov (2008 [1972]), ao observar a comunidade de fala, indica que as regularidades encontradas passaram a ser descritas com base na

noção da regra variável; esta emerge a partir da constatação de que os falantes de uma determinada comunidade passem a utilizar formas alternativas com o mesmo valor de sentido e verdade, denominadas variantes linguísticas. Portanto, entre essas diversas formas, encontra-se a variável linguística estudada (no nosso caso, a harmonia vocálica). Chama-se variável independente o conjunto de variantes que possam operar na língua.

Para o estudo sociolinguístico, as variáveis de ordens sociais são fundamentais, uma vez que é por meio delas que se pode perceber tendências de variação. Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) indicam que o estudo da variação pode demonstrar quatro possíveis resultados de mudança ao relacionarmos os indivíduos e a comunidade: i) estabilidade – quando o indivíduo e a comunidade permanecem constantes; ii) estratificação por idade – neste caso, o indivíduo muda; entretanto, a comunidade mantém-se constante; iii) mudança geracional – o falante mantém o seu padrão prévio, porém a comunidade, como um todo, muda; e iv) mudança comum – em que os indivíduos e a comunidade mudam mutuamente.

Outra vertente do estudo da variação ocorre mediante a análise de falantes estratificados em faixas etárias, representando diferentes gerações, em uma determinada sincronia; trata-se do estudo da mudança em tempo aparente. O estudo para diferentes gerações pode acontecer *em tempo real* e *em tempo aparente*. Os primeiros acontecem por meio da observação e análise de um determinado fenômeno linguístico em dois períodos distintos. Sobre esse aspecto, Labov defende que:

uma análise dessa natureza pode provir da comparação de um estudo atual com um estudo prévio, realizado na mesma comunidade de fala ou, então, de uma análise na qual o linguista retorne à comunidade de fala anos depois de realizar a primeira coleta e realize novamente a mesma pesquisa. (LABOV, 1994, p. 72-73).

Por outro lado, o estudo em tempo aparente se caracteriza pela análise em diferentes gerações, considerando um mesmo fenômeno linguístico. Esse tipo de pesquisa nos permite verificar os possíveis estágios de mudança, ao compararmos o comportamento das variáveis perante as diferentes faixas etárias. Ademais, essas diferenças de gerações de falantes em uma determinada sincronia refletiriam no desenvolvimento da língua.

A HARMONIA VOCÁLICA

A harmonia vocálica consiste em um fenômeno fonético-fonológico que ocorre em diversas línguas no mundo, embora não seja comum em línguas como o inglês e o espanhol. Ele caracteriza-se por ser um processo de assimilação, através do qual as vogais médias /e/ e /o/ se realizam como /i/ e /u/, respectivamente, na presença da articulação alta de uma vogal seguinte, como, por exemplo, em *m/e/nino* ~ *m/i/nino* (BISOL, 1981).

O processo variável pode ocorrer em uma determinada língua quando há exigência de as vogais dentro do domínio de uma “palavra” concordarem com uma propriedade fonética e/ou fonológica, como a posição da língua ou arredondamento dos lábios. Ademais, por se tratar de regra de aplicação variável, ou seja, não categórica, ambas as formas podem coocorrer.

No PB, nos casos em que há a ocorrência da harmonização vocálica, um dos efeitos que contribuem para isso é o espriamento dos traços para as demais sílabas da palavra. Com base na divisão proposta por Van der Hulst e Van de Weijer (1995), este estudo foca-se na harmonia vocálica de altura, ou seja, na qual figura o espriamento do traço [alto] na vogal /e/ presente na sílaba tônica que influencia a vogal da sílaba pretônica, geralmente as vogais médias, fazendo com que elas se elevem e se tornem todas vogais altas, como em *av/e/nida* ~ *av/i/nida*.

Bisol (2013) indica que a harmonia vocálica pode ocorrer diante de duas variedades: a variedade norte-nordeste e sul-sudeste. Desse modo, ela considera o processo nessas duas variedades e afirma que, na variedade do sul/sudeste, os falantes privilegiam o uso da vogal média fechada na posição pretônica, como em *f/e/liz* > *f/i/Liz* e *p/e/pino* > *p/i/pino*.

Em relação à variedade do norte/nordeste, ela defende dois tipos de harmonia: 1) a harmonia parcial /ɛ/ → /e/ e /ɔ/ → /o/, como *t/ɛ/cido* ~ *t/e/cido*. Nesse processo, a vogal que sofre o fenômeno vai de uma vogal média baixa /ɛ/, /ɔ/ para a vogal média alta /e/, /o/. Neste caso, segundo Bisol (2013), a harmonia se daria em um nível parcial em relação à altura das vogais alvo e gatilho; 2) a harmonia total /e/ → /i/; /o/ → /u/, como *r/e/cibo* ~ *r/i/cibo*. Nesse contexto, a vogal afetada pelo fenômeno é uma vogal média /ɛ/ ou /e/ que, sofrendo o processo, passaria a ser realizada como vogal alta /i/.

Pensando nesses dois níveis, percebe-se que a harmonia ou a elevação da vogal média aconteceria de uma forma gradual nessa variedade.

A HARMONIA VOCÁLICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

A harmonia vocálica foi objeto de estudo de alguns trabalhos, tais como: Bisol (1981), Schwindt (1995; 2002), Casagrande (2004) e Fernandes (2016). Os resultados desses estudos revelaram que a harmonia vocálica se refere a um fenômeno de assimilação, influenciado tanto por fatores linguísticos quanto por fatores extralinguísticos, como será visto daqui em diante.

A tese de doutorado de Bisol (1981), intitulada *A harmonização vocálica - uma regra variável*, pode ser considerada uma das principais referências sobre o fenômeno e serviu como base para a maioria dos estudos que são utilizados como fonte neste trabalho. A autora define a harmonia como “[...] a transformação da vogal média pretônica /e o/ em vogal alta /i u/, respectivamente” (BISOL, 1981, p. 38). Nesse trabalho, Bisol seguiu a linha da Teoria Variacionista de Labov (1966, 1968). Além disso, buscou averiguar não só a história de uma regra variável muito antiga no português, mas também sistematizar o que caracteriza o comportamento das variantes /e/ ~ /i/ e /o/ ~ /u/ em pauta pretônica.

Como hipótese para a pesquisa, a autora definiu que a nasalidade é uma condição altamente favorável para a elevação de /e/, sendo os fatores que mais contribuiriam para isso: i) a homorgânica /i/; ii) a vogal alta assimiladora está na sílaba imediata; iii) a contiguidade é um traço obrigatório do condicionador da regra. Além disso, a atonicidade permanente é a condição ideal para as flutuações da pretônica e os verbos tendem a propiciar a aplicação da regra. Tratando das consoantes, a velar é a que tende a modificar a vogal e na regra de /e/, uma velar (ou uma palatal seguinte) condiciona a elevação da pretônica.

A amostra contou com dados coletados de quatro comunidades diferentes do estado do Rio Grande do Sul, cuja amostra foi classificada em fala popular e culta, bem como seus informantes foram estratificados através do sexo, etnia e idade.

Após a análise, Bisol (1981) constatou que a harmonia vocálica tem uso moderado no dialeto gaúcho, e que o fator mais relevante para a ocorrência da elevação da vogal média pretônica é a vogal alta na sílaba subsequente. Em relação aos fatores linguísticos, foram considerados como relevantes a nasalidade, a distância da sílaba tônica e as palavras de base variável. Considerando-se os fatores extralinguísticos, a etnia se mostrou relevante; o fator sexo não obteve relevância; e os jovens tendiam a usar menos a regra do que os mais velhos. Dessa maneira, a autora sugeriu que por ocorrer tanto na fala popular quanto na fala culta, a regra não é estigmatizada.

Por sua vez, Schwindt (1995) propôs um estudo acerca da harmonia vocálica nos dialetos do Sul do Brasil, com dados das capitais Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba, que integram também o VARSUL. Ressalta-se que esse estudo foi baseado no modelo de análise da Teoria da Variação (LABOV, 1966). A amostra contou 12 informantes de cada capital, totalizando 36.

Nesse estudo, objetivou-se analisar quantitativamente, levando-se em consideração tanto as variáveis linguísticas quanto extralinguísticas que empregaram a regra de elevação das vogais pretônicas /e/ e /o/ por influência de uma vogal alta em uma das sílabas subsequentes. Dessa forma, Schwindt (1995) buscou investigar se a regra não indicaria mudança, no sentido de se tornar categórica ou se haveria expansão para a mudança; além de não ser influenciada por fatores sociais, com exceção da etnia. No que diz respeito às variáveis linguísticas, ele buscou também perceber se a regra seria provocada por uma vogal alta em sílaba subsequente, principalmente em casos de relação de vizinhança.

A partir dos resultados encontrados, Schwindt (1995) constatou que os principais condicionadores à aplicação da regra foram a presença de uma vogal alta em sílaba subsequente contígua; o contexto das vogais orais; e a presença das consoantes velar e alveolar. Tratando dos fatores extralinguísticos, as variáveis faixa etária e sexo não demonstraram tendência à aplicação do fenômeno, o que indica uma variação estável. No que diz respeito à escolaridade, pode-se verificar que os mais escolarizados elevavam menos as vogais pretônicas, constatando-se que a regra não tem relação com prestígio social.

Outro trabalho consultado foi o de Casagrande (2004), que realizou uma análise da regra da harmonia vocálica em tempo real na cidade de Porto Alegre, contrapondo

dados de fala referentes a duas épocas diferentes: final da década de 1970 e final da década de 1990. O autor propôs, assim, verificar o status da harmonização quanto a ser uma variável em progresso ou uma variável com indícios de estabilidade, tanto no indivíduo como na comunidade. Dessa forma, para a análise, a autora realizou dois estudos: um em tempo real e outro em tempo aparente, de acordo com Labov (1994), sendo o estudo em tempo aparente através do estudo de painel.

Com o objetivo de verificar uma possível mudança na comunidade, Casagrande (2004) seguiu os mesmos critérios de coleta e análise de dados de Bisol (1981), sendo este o estudo de tendências. Essa pesquisa contou com um total de 5.538 dados, sendo 2.933 para a vogal /e/ e 2.605 para a vogal /o/.

A autora constatou que as consoantes palatais influenciam no próprio processo de espriamento, alçando, assim, à vogal pretônica, o que as torna favorecedoras a regra; em contrapartida, a falta de especificação de abertura nas fricativas palatais as torna inibidoras do processo. Ademais, o espriamento do traço de abertura não encontra obstáculos quando havia segmentos consonantais favorecedores. Além disso, demonstrou que a presença de segmentos complexos formados por dupla articulação não impede o traço [-aberto2] de ser espriado.

Ao observar o resultado da análise variacionista, Casagrande (2004) concluiu que a harmonia vocálica demonstrou não ser estável de uma época para outra e que, no final da década de 1990, houve uma diminuição do uso, indicando regressão da regra. Além disso, os mais velhos mostraram aplicar mais a regra do que os mais novos. Diante dos padrões apresentados pelos indivíduos e pela comunidade, ficou constatado que os falantes estavam alterando a frequência de uso, o que demonstrou um processo de mudança com tendência à diminuição da regra.

Por fim, Fernandes (2016) utilizou a amostra da cidade de Porto Alegre, também do banco de dados do VARSUL, constituída por 19 entrevistas e, diferentemente das análises anteriores, foi analisada somente a fala dos jovens, sendo 10 homens (entre 16 e 23 anos) e 9 mulheres (entre 17 e 21 anos). A autora encontrou em seu resultado um maior percentual da não aplicação da harmonia vocálica pelos jovens, com 82% da regra.

Dentre os fatores linguísticos, a contiguidade, as sílabas sem coda e a atonicidade da vogal se mostraram relevantes tanto na análise de /e/ quanto na de /o/. Em relação às variáveis sociais, o gênero feminino mostrou-se mais relevante. Dessa forma, os

resultados confirmaram que a regra se mantém como variável estável no português falado pelos jovens em Porto Alegre.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados segue os princípios da pesquisa Sociolinguística Variacionista proposta por Labov (2008 [1972]), a qual objetiva descrever a língua em uso como resultado da interação social dos falantes da comunidade, revelando um caráter heterogêneo da língua. Além disso, os dados da regra variável da harmonia vocálica considerados seguiram as seguintes etapas: definição da variável dependente, definição das variáveis independentes, delimitação da amostra, obtenção dos dados, transcrição, codificação, quantificação dos dados e interpretação dos resultados.

Os estudos mencionados anteriormente sobre o fenômeno da harmonia vocálica (BISOL, 1981; SCHWINDT, 2002; FERNANDES, 2016; CASAGRANDE, 2004) contribuíram para a definição das variáveis que norteiam essa análise. Considera-se como variável dependente a aplicação ou não da harmonia vocálica, ou seja, a ocorrência de alçamento vocálico desencadeado pela vogal alta da sílaba adjacente ou se a vogal alvo da regra foi mantida sem a aplicação da regra, como em *pr/e/cisa* ~ *pr/i/cisa*.

No que se refere às variáveis independentes, estas são divididas em linguísticas e extralinguísticas, assim revelando quais os grupos de fatores que possam influenciar na realização ou não realização da regra variável em questão. Conforme Mollica (2008, p. 27), “as variáveis, tanto linguísticas quanto não linguísticas, não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes”. Entretanto salienta-se que, neste artigo, as variáveis linguísticas não serão consideradas, atendo-se somente às variáveis extralinguísticas/sociais.

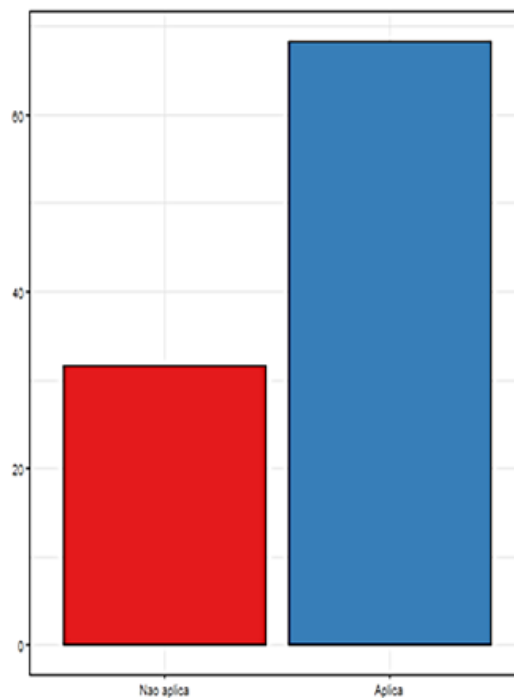
Conforme se mencionou na introdução, os dados analisados foram extraídos de amostras de fala da comunidade de Santo Antônio de Jesus por pesquisadores do Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia, cujos parâmetros de estratificação foram aqui adotados. Para esta análise, desenvolveu-se um estudo piloto com apenas 8 informantes, observados de acordo as variáveis sociais bem como: sexo (feminino e

masculino), estada fora da comunidade e zonas de residência dos informantes (sede/rural).

Posteriormente, realizou-se a coleta dos dados que apresentaram contextos propícios à aplicação da regra da harmonia vocálica, obtendo-se um total de 545 dados, considerando-se todos os contextos de vogal pretônica /e/. Após a audição das entrevistas e uma verificação prévia, alguns dados foram excluídos por apresentarem ambientes de aplicação quase categórica, conforme atestou Fernandes (2016), baseada em outros autores (BISOL, 1981; SCHWINDT, 1995): a) /eN/, /eS/ e /deS/ (prefixo) (como embutir, estudar, desligar); b) vogais em ditongo (como reunir); c) vocábulos compostos (porco-espinho, verde-escuro). Assim, chegou-se ao refinamento dos contextos propícios, totalizando-se 502 dados, os quais foram importados para o sistema do programa computacional utilizado neste trabalho, o programa R (R Core Team, 2021), com a interface RStudio.

A partir da análise exploratória dos dados, de forma geral, os resultados mostraram uma taxa de 68.3% de aplicação da harmonia e de 31.7% de não aplicação (cf. Gráfico 1).

Gráfico 1 - Distribuição dos dados da harmonia vocálica de /e/ (N = 502).



Fonte: Elaborado pelos autores.

Dentre os dados encontrados, algumas palavras ocorreram em diversos contextos, figurando com um número maior de ocorrências, o que pode ser observado na nuvem de palavras a seguir (cf. Figura 2):

Figura 1 - Palavras com maior ou menor número de ocorrências.



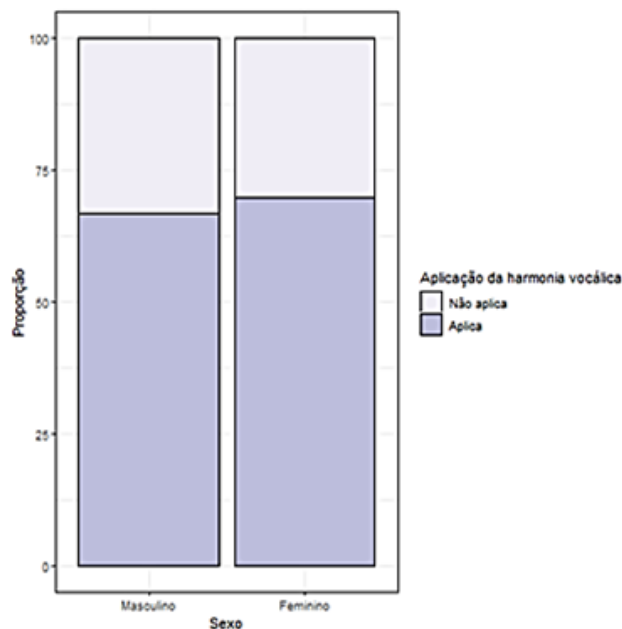
Fonte: Elaborado pelos autores.

A nuvem de palavras representa a frequência de palavras com maior número de ocorrências por meio do tamanho da fonte. Assim, nota-se, na figura acima, o principal destaque para os substantivos “menina” e “menino” e para os verbos “queria” e “precisa”.

No que tange as variáveis extralinguísticas em questão, a primeira a ser considerada foi o sexo, fator que possui uma relevância significativa para as pesquisas sociolinguísticas. Em consonância com o estudo de Labov (1966) sobre o inglês de Nova York, este observou que as mulheres tendiam a produzir com maior frequência a forma inovadora, assim, ao se tratar do papel da variável gênero/sexo no processo de mudança linguística observa-se que as mulheres tendem a liderar esses processos. Entretanto, ainda ao discutir acerca do encaixamento da mudança linguística, vale destacar que é importante considerar a diferença de papéis desempenhados por homens e mulheres na sociedade, geralmente, ligados aos padrões sociais em que estão inseridos. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1972]).

Neste estudo, observou-se que a variável sexo apresentou uma distribuição equilibrada de aplicação da harmonia vocálica de /e/ em relação aos dois sexos investigados: feminino (69.8%) e masculino (66.8%), o que fica evidente ao se analisar o gráfico 2, a seguir, corroborando com a hipótese atestada por Labov (1966). Dessa maneira, observou-se consonância entre os resultados deste estudo com os resultados encontrados por Fernandes (2016) em que o alçamento da vogal média pretônica é relativamente mais acentuado para indivíduos do gênero feminino.

Gráfico 2 - Aplicação da harmonia vocálica de /e/ em relação ao sexo dos informantes (N = 502).



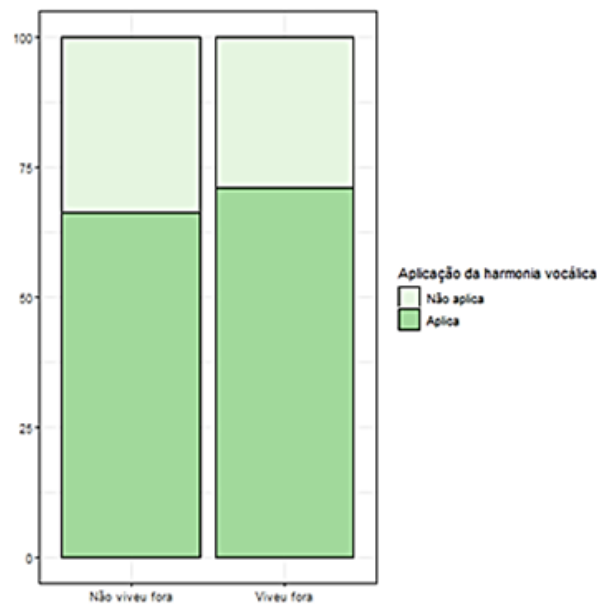
Fonte: Elaborado pelos autores.

A segunda variável diz respeito à moradia na comunidade, um fator que faz referência a informantes que sempre viveram na comunidade sem terem saído desta para outra. Em contrapartida, o outro fator analisado neste grupo refere-se ao fato de o informante já ter vivido pelo menos seis meses fora da comunidade.

A partir da leitura do Gráfico 3, constata-se que, apesar de os índices de proporcionalidade estarem bem próximos, a variável “viveu fora da comunidade” apresentou 71.0%, o que indica que o fato de o informante ter contato além da sua comunidade de fala pode contribuir para a aplicação da regra.

De acordo com Lucchesi (2009), essa variável tem demonstrado uma tendência em outros estudos em seguir em direção à norma padrão, fato que pode ocorrer devido à influência dos indivíduos que viveram nos centros urbanos por um determinado período. Diante disso, pode-se levantar a hipótese de que esse fator pode ou não demonstrar como a urbanização pode conduzir a um nivelamento linguístico.

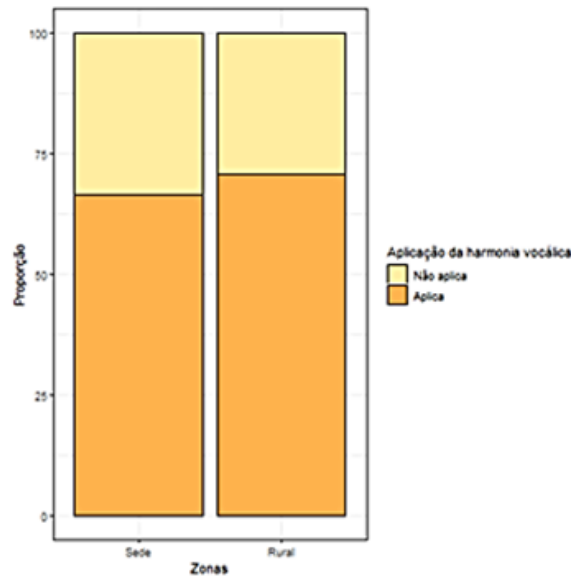
Gráfico 3 - Proporção da aplicação da harmonia vocálica de /e/ em relação à estada fora da comunidade (N = 502).



Fonte: Elaborado pelos autores.

A cidade de Santo Antônio de Jesus foi estratificada em duas zonas, a saber: sede e rural. Objetiva-se, com essa divisão, verificar se os dados encontrados em cada zona se justificam pela proximidade com os centros urbanos do estado. Tal divisão se configura assim, conforme já dito, pelo próprio banco de dados do Projeto Vertentes do Português Popular da Bahia. Dito isso, a análise apresenta o Gráfico 4:

Gráfico 4 - Proporção da aplicação da harmonia vocálica nas zonas (N = 502).



Fonte: Elaborado pelos autores.

Percebe-se, a partir da leitura do Gráfico 4, que a aplicação da harmonia vocálica de /e/ apresenta um relativo equilíbrio entre as zonas, configurando 66.6% para a sede e, levemente mais alto, com 70.7% para a zona rural. Esta variável não pode ser comparada aos outros estudos porque essa composição de zona rural e sede são típicas da constituição do *corpus* ora investigado, não havendo, portanto, outros trabalhos que pudessem manter um diálogo direto com seus resultados.

Em linhas gerais, observou-se neste estudo que os fatores sociais analisados não apresentaram distinções significativas. Contudo, evidencia-se que pode ser observada uma das tendências propostas pela Teoria Variacionista, especificamente que as mulheres tendem a impulsionar o processo de mudança. Destaca-se que por esta breve análise ser constituída por um estudo piloto, uma amostra maior poderia trazer resultados mais sólidos. Ainda assim, os resultados aqui alcançados constituem aporte para uma maior descrição posterior. Além disso, cabe salientar que as variáveis linguísticas também poderão corroborar posteriormente a descrição dos resultados encontrados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Descrever, de forma breve, a harmonia vocálica de /e/ como um fenômeno variável no português falado em Santo Antônio de Jesus na Bahia configurou-se como o principal objetivo desta explanação. Para isso, levaram-se em consideração os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, estratificando a amostra quanto ao sexo, estada fora da comunidade e ao pertencimento dos informantes às zonas sede ou rural (contextos extralinguísticos).

Contudo, quanto aos resultados das variáveis, até o momento as variáveis extralinguísticas analisadas não se mostraram relevantes para a aplicação da regra, havendo sempre um equilíbrio entre os fatores observados nas análises sobre o sexo, a estada fora da comunidade e a zona de residência dos sujeitos (sede/rural). Não obstante, alguns fatores corroboraram os pressupostos sociolinguísticos, como o fato de as mulheres impulsionarem a mudança utilizando em maior recorrência a variável analisada. Apesar disso, ressalta-se que essa ainda é uma hipótese em análise.

Ainda assim, os resultados aqui apresentados apontam para uma consonância com os estudos consultados sobre o fenômeno objeto desta pesquisa, mesmo se tratando de um estudo piloto. Diante das variáveis investigadas, a regra indica que as generalizações aqui alcançadas constituem condicionamentos básicos da harmonia vocálica de /e/ e segue em tendência considerável de aplicação. O estudo está avançando para uma análise mais ampla da comunidade, envolvendo as variáveis linguísticas inerentes à língua, maior quantidade de informantes e um refinamento do tratamento estatístico.

REFERÊNCIAS

BATTISTI, Elisa; FERNANDES, Dinar. Harmonia vocálica de altura no português brasileiro em formas nominais não derivadas: análise de um processo variável pela Teoria da Otimidade. *ReVEL*, v. 15, n. 28, p. 314-337, 2017.

BISOL, Leda. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1981.

BISOL, Leda. Harmonização vocálica: efeito parcial e total. *Organon*, Porto Alegre, v. 28, n. 54, p. 49-61, jan./jun. 2013.

BRESCANCINI, Cláudia R. A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S. In: BISOL, L; BRESCANCINI, C. (orgs). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 13-75.

CASAGRANDE, Graziela Pigatto Bohn. *Harmonização vocálica: análise variacionista em tempo real*. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

CLEMENTS, George. N. The Geometry of Phonological Features. *Phonology Yearbook*, v. 2, p. 225–52, 1985.

FERNANDES, Dinar. Uma análise variacionista da harmonia vocálica do português brasileiro no dialeto de jovens de Porto Alegre. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 10, n. 3, p. 771- 795, jul./set. 2016.

LABOV, William. The Social Stratification of English in New York. Washington, D.C., *Center for Applied Linguistics*, 1966.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. [Padrões Sociolinguísticos. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.]

LABOV, William. *Principles of linguistic change*. V. II: Social Factors. Oxford: Blackwell, 1994.

LUCCHESI, Dante. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

MATZENAUER, Cármen Lúcia. Introdução à Teoria Fonológica. In: BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 5. ed., rev. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

MOLLICA, Maria Cecília. Relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 3. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

R Core Team. 2021. *R: a language and environment for statistical computing*. Viena: R Foundation for Statistical Computing. Disponível em <https://www.R-project.org>. Acesso em: 01 nov. 2021.

SCHWINDT, Luis Carlos. da S. *A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista*. Dissertação (Mestrado). PUCRS, Porto Alegre, 1995.

SCHWINDT, Luis Carlos. da S. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 161-182.

VAN DER HULST, Harry; VAN DE WEIJER, Joost. Vowel Harmony. In: GOLDSMITH, John (org.). *The Handbook of Phonological Theory*. London: Blackwell, 1995.

VIEGAS, Maria do Carmo. O açamento das vogais médias pretônicas e os itens lexicais. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 2, ano 4, p. 101-122, jul./dez., 1995.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

Submissão: 14 de agosto de 2022

Aceite: 12 de dezembro de 2022